

LUTO NA INFÂNCIA PELA PERDA DOS PAIS

Lígia Atamantchuk Albuquerque da Silva, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Rosemeire Rocha, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Profa. Dra. Roselania Francisconi Borges (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ligiaalbuquerque81@gmail.com

Palavras-chave: Luto. Luto Infantil. Morte e Luto. Abordagens em Psicologia

INTRODUÇÃO

Na sociedade ocidental o tema da morte ainda é, na maioria das vezes, tratado como tabu. Em função disso, o luto, enquanto processo que atravessa o fenômeno da finitude humana, pode ser vivenciado de diversas maneiras. Na infância, a forma como o luto é vivenciado pode levar a repercussões indeléveis na vida adulta, ainda mais quando ele se dá pela perda dos pais. Compreender o processo de luto na infância é uma tarefa importante e necessária. O luto infantil é perpassado pela própria concepção de criança, visto que tal fase da vida nem sempre foi considerada (ARIÈS, 1986). Nos últimos séculos foram sendo desenvolvidos estudos visando compreender os vários aspectos do desenvolvimento infantil, inclusive, relacionados a como a criança lida com o luto. Ele pode ser abrangido a partir de diferentes perspectivas teóricas na área da Psicologia: a abordagem psicanalítica, a fenomenológico-existencial, a gestáltica, entre outras. Considerando estas e outras perspectivas que abordam o processo de morte e de luto e, tomando como premissa fundamental que cada uma delas tem uma concepção de homem, a presente pesquisa tem a proposta compreender o processo de luto infantil a partir das diversas abordagens em Psicologia e oferecer subsídios ao seu enfrentamento.

MÉTODO

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, realizada nas bases de dados SciELO (Scientific Eletronic Library Online), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia da Biblioteca Virtual em Saúde), entre outras.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

O levantamento bibliográfico demonstrou que a maioria das obras sobre o luto infantil pela morte dos pais é de perspectiva psicanalítica. Mas, mesmo nesta abordagem essa modalidade de luto é assunto escasso. Foram incluídos estudos de abordagens sobre o manejo

do luto com crianças que se referem ao atendimento clínico e/ou orientações voltadas às famílias e/ou pessoas próximas das crianças enlutadas, podendo não necessariamente ser por morte dos pais.

Em se tratando especificamente do atendimento de crianças enlutadas o profissional deve estar atento ao estágio de desenvolvimento da criança, visto que, dependendo desse estágio haverá modificações em como esta compreenderá o conceito de morte. Houve recomendações de que, além de um atendimento adequado e específico para a criança em si, é importante que o psicólogo dê suporte aos responsáveis pela criança, visto que na maioria das vezes estes também estarão passando por processo de luto e influenciarão em como a criança vivenciará seu próprio enlutamento.

Na Abordagem Psicanalítica Lima e Kovács (2011) apresentam um estudo acerca da comunicação à criança enlutada que não é especificado se é referente a morte dos pais, mas a morte na família da criança de alguém próximo a ela. A comunicação deve ser feita de forma aberta e clara, adequada ao seu nível de compreensão, devendo ser feita por alguém que tenha fortes laços de afetividade com a criança. Elas enfatizam os benefícios de se compartilhar sentimentos e a importância do apoio social de amigos e da família extensa no período pós-morte e, em casos de a família encontrar-se muito fragilizada, sem condições de dar suporte à criança. Sugerem ainda, a procura de profissionais. Apontam também que é a criança quem deve estabelecer o ritmo do diálogo e, se necessário, utilizar-se de elementos facilitadores, como, a literatura infantil, filmes e desenhos animados.

Barreto e Rocha (2015), pela Abordagem Psicanalítica, trazem importantes aspectos da ludoterapia no que tange ao brincar como possibilidade da criança se expressar; de fazer associações tal qual faz um adulto em análise; promover o crescimento e a saúde da criança; aprimorar atividades motoras; assimilar valores; desenvolver diversas áreas do conhecimento; liberar seus sentimentos; interagir com o mundo através da fantasia; promover sua autoexpressão e sua vontade de crescer e desenvolver-se, além de restabelecer seu controle interior e ampliar a autoestima.

Sengik e Ramos (2013), a partir da fala de quatro crianças enlutadas (das quais 3 eram relacionadas a morte de um dos pais), afirmam que as crianças podem sentir a ausência da pessoa falecida como abandono e como uma ameaça de rompimento com outras figuras de apego, segundo a perspectiva psicanalítica. Apesar disso, essa perda fará parte do desenvolvimento da criança que irá assimilar aos poucos o que foi perdido através da expressão, falando, chorando, desenhando e/ou brincando. O adulto deve pontuar a irreversibilidade da

morte. Dar espaço para perguntas sobre a morte, sendo isso mais adequado do que inventar eufemismos ou criar ilusões que podem confundir seus pensamentos.

Partindo da perspectiva Winnicottiana, Batistelli (2010) traz um caso de um menino que havia perdido o pai por morte súbita. A queixa apresentada era de agressividade, falta de limites, dificuldade de se organizar e dificuldade de estabelecer relacionamentos. A terapia foi pautada na premissa de que o processo analítico tem foco na cooperação do analista para com o paciente de acordo com o ritmo deste, procurando alcançar um certo estágio na aquisição de uma técnica básica, dando enfoque ao setting terapêutico. Utilizou do desenho, assim como de outros materiais como tinta, água, cola, barbante e objetos pessoais do pai. Houve a contratransferência e a criança resgatou a imagem do pai vivo dentro de si e melhorando em seus relacionamentos.

Na Abordagem Cognitivo-Comportamental a vivência do luto decorrente de uma perda significativa depende de experiências anteriores de perdas que foram aprendidas e internalizadas. Basso e Wainer (2011, p. 40) descrevem que “[...] o objetivo terapêutico na Terapia Cognitivo-Comportamental perante uma situação de luto por perda repentina tem como base, identificar recursos disponíveis e avaliar quais são as principais preocupações do paciente”. Tal identificação vai possibilitar avaliar o nível de alterações emocionais e comportamentais a serem trabalhadas no processo terapêutico.

Em um atendimento de uma criança de 6 anos de idade (a qual perdeu o pai por suicídio quando ainda tinha dois anos), realizado na perspectiva Cognitivo-Comportamental, verificou-se que a queixa foi superada após um trabalho de nove meses em sessões com a criança e separadamente com a mãe. Utilizou-se de brincadeiras com a criança para saber sobre seus sentimentos e conhecimentos a respeito de seu pai; e com a mãe as sessões se deram no sentido de orientá-la a falar sobre este pai para que o menino pudesse conhecê-lo e fazer outras perguntas a respeito deste que não se limitassem a querer saber sobre sua morte, sendo que esta era a queixa trazida pela mãe e que foi considerada superada ao término da terapia (TSUTSUMI; MENEZES, 2017).

De acordo com Bianchi et al. (2019) na Gestalt-terapia não foram encontrados muitos estudos a respeito de como se desenvolve o processo de luto para apoiar os trabalhos realizados com pessoas enlutadas. Segundo essas autoras foram apropriados da teoria do apego de Jhon Bowlby e do processo dual do luto estabelecido por Stroebe e Schut, os conceitos que não são da Gestalt-terapia, mas cujas proposições se encaixam com a da Gestalt-terapia a qual estabelece o homem como ser em relação. Os autores acreditam que a saúde se encontra no movimento e ritmo entre as polaridades, sendo o adoecimento revelado a partir das cristalizações e paralizações. O terapeuta da Gestalt-terapia irá perceber os recursos de

enfrentamento da criança enlutada e suas necessidades de expressão de sentimentos de pesar, partindo da unicidade da mesma e da direção que ela toma a cada momento, hora em direção à perda, hora em direção à restauração.

Para Bianchi et al. (2019), ao brincar no espaço terapêutico com o uso de recursos variados (massa de modelar, caixa de areia, bonecos, jogos, etc), a criança comunica conteúdo do seu mundo interno. Quando estes conteúdos carregados de emoções e sofrimento são acolhidos e trabalhados, vão sendo construídos recursos de enfrentamento e de fortalecimento.

De acordo com Morais (2011) a ludoterapia, na Abordagem Fenomenológico-Existencial, se apresenta como apoio em momentos de conflito visando ajudar a família como um todo, e a criança mais especificamente, a descobrir estratégias que possibilitem a transformação do sofrimento em crescimento. O valor lúdico dos livros possibilita à criança, a partir das histórias, aprender caminhos novos para seu problema. O desenho e a pintura dão a possibilidade de a criança expressar o que quiser. Dessa forma, ela expressa o que sente e organiza seus pensamentos, podendo ser utilizados em sessões posteriores para comparar a percepção do fato quando foi feito, e no agora, depois de passado um tempo. Na brincadeira a criança expressa seus sentimentos e tem a possibilidade de organizar a percepção dos fatos, aprende algo, podendo também se distrair, sendo esta divertida. Assim, vai retirando o foco do problema, e se mostrando como cuidado no agora no momento em que a dor é sentida. A fala da criança permite expressar sentimentos e concede ao psicólogo identificar os sentimentos expressos e refleti-lo. O terapeuta deve respeitar a capacidade da criança em resolver seus problemas e oportunizar momentos para isso. Na ludoterapia a criança tem oportunidade de, em seu ritmo, se conhecer e lidar com as adversidades.

Por meio deste estudo percebemos o quanto é importante que tanto a criança quanto sua família sintam-se bem acolhidas para poderem externalizar seus sentimentos durante seu momento de luto. Destacamos, porém a necessidade de maiores estudos com relação ao luto infantil pela morte dos pais, para que haja maior reflexão sobre o tratamento destinado às crianças enlutadas, visando maior respaldo ao psicólogo no enfrentamento desta demanda, sem nunca perder de vista que cada ser humano é único e perpassado de suas próprias especificidades as quais deverão ser respeitadas e enfocadas durante o processo.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Philippe Ariès; tradução Dora Flaksman. 2. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARRETO, J. B. M.; ROCHA, M. V. A ludoterapia no processo de luto infantil: um estudo de caso. **Pesquisa Em Psicologia** - Anais eletrônicos. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8555. Acesso: 12 nov. 2022.

BASSO, L. A.; WAINER, R. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. bras.ter. cogn.** [online]. 2011, vol.7, n.1, pp. 35-43. ISSN 1808-5687. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n1/v7n1a07.pdf>. Acesso: 16 fev. 2023.

BATISTELLI, F. M. V. CAMINHOS NA ELABORAÇÃO DE UM LUTO. **Jornal de Psicanálise** - São Paulo, v.43 (79):155-162, 2010 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 18 mar. 2023.

BIANCHI, D. P. B.; KUBLIKOWSKI, I.; CAMPS, P. B.; FRANCO, M. H. P. Possibilidades da Clínica Gestáltica no Atendimento de Crianças Enlutadas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 19, núm. 4, 2019, dez., pp. 1018-1035. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 13 mar. 2023.

LIMA, V. R. de.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. Psicol. cienc. prof., 2011 31(2), p. 390–405, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMB3JF6RDZq/abstract/?lang=pt#> . Acesso: 10 nov. 2022.

MORAIS, M. T. C. de. **Os significados de ludoterapia para as protagonistas do processo:** crianças em atendimento. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Natal, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/17479/1/MuniquetCM_DISSERT.pdf. Acesso: 20 mar. 2023.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. Psicol. Soc., 2013 25(2), p. 379–387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTrmYqHG4T3zByj/abstract/?lang=pt#>. Acesso: 21 nov. 2022.

TSUTSUMI, M. M. A.; MENEZES, A. B. C. Terapia Comportamental Infantil na relação mãe e filho ante o luto materno – um relato de caso. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Volume 19, número 3, dezembro de 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-906383>. Acesso: 13 mar. 2023.